



## LETRAMENTO: ASPECTOS TEÓRICOS

Lígia de Amorim Neves<sup>1</sup>

**RESUMO:** Necessita-se de mudanças significativas na concepção educacional dominante, e um dos lugares dessa transformação pode ser a desconstrução do modelo de letramento dominante. Para tanto, é preciso compreender o fenômeno do letramento em seus diversos aspectos, para que se possa entender, em sua complexidade, inúmeras práticas letradas que, de modo geral, continuam sendo ignoradas na sociedade em prol de um mito do letramento, que concebe a alfabetização como a prática mais importante para potencializar o cidadão em sua relação com as estruturas de poder na sociedade. É nesse sentido que se direciona este estudo, que tem como objetivo geral investigar aspectos teóricos sobre os modelos autônomo e ideológico de letramento, a partir de uma abordagem materialista dialética.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alfabetização; escola e ensino; letramento.

### INTRODUÇÃO

Define-se letramento, de acordo com as idéias de Scribner e Cole (1981, *apud* Kleiman, 2004), como um conjunto de práticas sociais que fazem uso da escrita não apenas enquanto sistema simbólico, mas também enquanto tecnologia, isto é, como uma competência que instrumentaliza o indivíduo para atuar em certos contextos, conforme objetivos específicos.

Mas será que o fenômeno do letramento, que reconhece diversas práticas e agências de letramento, assim é concebido pela principal instituição que se encarrega de introduzir o indivíduo no mundo da escrita?

Para refletir sobre esse problema em sua complexidade, o presente estudo propõe-se a contextualizar historicamente o conceito de “letramento”, a discutir os modelos de letramento autônomo e ideológico e a refletir sobre letramento enquanto prática social, considerando suas implicações para o ensino escolar e para a inserção do indivíduo enquanto sujeito ativo na sociedade.

Com isso, espera-se ter contribuído para reflexões que buscam soluções para questões que envolvam o ensino na escola, como a formação de leitor crítico, a hegemonia social, o resgate de identidades entre outros temas.

### MATERIAL E MÉTODOS

O método adotado para a realização dessa pesquisa foi o *materialismo dialético*, pois, nesse enfoque, a prática social situa-se como um critério de verdade. Esse método de interpretação da realidade fundamenta-se em três grandes princípios, segundo Triviños (1987): lei da passagem da quantidade à qualidade, lei da unidade e da luta dos

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Letras. Departamento de Letras. Universidade Estadual de Maringá – UEM Maringá – PR. [ligia@bs2.com.br](mailto:ligia@bs2.com.br)

contrários (lei da contradição) e lei da negação da negação. Assim, buscam-se, no materialismo dialético, explicações lógicas, coerentes e racionais para os fenômenos a serem estudados.

Apresentado o recorte metodológico, deve-se salientar que a pesquisa proposta delineou-se por meio de *pesquisa bibliográfica*, ou seja, trata-se de uma pesquisa desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros, artigos científicos, teses e dissertações. A principal vantagem da pesquisa bibliográfica, segundo Gil (2006, p. 65), “reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.” Esta vantagem se torna particularmente significativa no caso da pesquisa proposta, pois permite ao pesquisador ter acesso a dados dispersos tanto no espaço quanto no tempo, como é o caso, quando há uma preocupação de se compreender os modelos de ensino à luz dos movimentos da história.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Embora o termo “letramento” permaneça não-dicionarizado, haja vista a complexidade e a variação dos tipos de trabalhos que se enquadram nesse domínio, é recorrente o uso desse vocábulo quando o objetivo do estudo compreende a investigação do impacto social da escrita em um contexto específico, em detrimento das pesquisas sobre a alfabetização.

Assim sendo, é possível estabelecer um consenso de que, enquanto os estudos de letramento extrapolam a esfera do indivíduo, ao preocuparem-se com as mudanças políticas, sociais, econômicas e cognitivas relacionadas ao uso da escrita (impacto social), as pesquisas de alfabetização restringem-se à análise das competências individuais do sujeito, isto é, ao estudo da capacidade dele em adquirir e desenvolver as tecnologias de escrita (codificação) e de leitura (descodificação), sem considerar o contexto do indivíduo.

Pode-se afirmar, de modo geral, que as práticas de uso da escrita específicas da escola subjazem à concepção de letramento autônomo. Isso porque o modelo educacional, ao valorizar o desenvolvimento de um tipo dentre muitas práticas de letramento, não se preocupa com o letramento enquanto conjunto de práticas sociais. E essa prática é a alfabetização, cujo processo de aquisição de códigos alfabético e numérico concebe-se em termos de uma competência individual, o que leva a atribuir ao indivíduo a responsabilidade pelo eventual fracasso escolar plenamente, caracterizando, portanto, um modelo que contribui para a exclusão e a marginalização desse indivíduo.

Em contraponto com essa perspectiva teórica, Street (1984) propõe o modelo ideológico de letramento, que não se prende a um *letramento para*, mas a um *letramento que tem como benefícios certas coisas*. As práticas de letramento nesse modelo são cultural e socialmente determinadas. Isso significa que a escrita assume significados específicos para um grupo social conforme os contextos sócio-históricos e as instituições em que ela foi adquirida e praticada, ou seja, as práticas de letramento constituem-se aspectos não apenas da cultura, mas também das estruturas de poder de uma sociedade.

A escola supervaloriza a linguagem verbal, ainda mais em sua forma padrão, e desconsidera as outras linguagens e agências de letramento com as quais o aluno tem contato fora do contexto escolar. Se compreendido que o modelo de letramento predominante na escola não considera outras práticas que não sejam aquelas legitimadas por essa instituição, a causa do fracasso escolar decorre, de fato, das próprias deficiências desse modelo autônomo.

O modelo ideológico, ao considerar que toda prática de letramento – seja ela advinda de quaisquer instituições sociais gerais – constitui uma forma de aprendizagem, desconstrói um outro mito, o da ausência de letramento. Isso porque, nesse modelo, considera-se a existência de diferentes níveis e efeitos de letramento. Assim sendo, o

aluno não mais será classificado dentro da divisão estigmatizada de grupos letrados *versus* não-letrados, caso ele não consiga cumprir o papel de decifrador dos significados do texto.

Aliás, apropriar-se dessa prática acrítica nem interessa ao modelo ideológico de letramento. Este busca observar o processo de sociabilização das pessoas na construção do significado, ao invés de conferir ao texto escrito a conotação de detentor de seu sentido absoluto. Isso configura o início de uma ruptura com aquelas atividades de caráter exclusivamente explicativo, em que o sujeito é penalizado por um reforço escolar ou até mesmo por uma reprovação se não obtém êxito na apropriação dessa prática.

A adoção de um modelo de letramento assim, distante das práticas vivenciadas pelo aluno, tal qual a realização de atividades de leitura como mera decodificação da escrita, sem a consideração das diferenças culturais e sociais dos sujeitos envolvidos nessas tarefas, paulatinamente leva o estudante a abandonar o seu modelo de letramento para apropriar-se de outro, sendo que a coexistência é possível.

## CONCLUSÃO

O modelo ideológico não surge para negar os resultados específicos dos estudos realizados na concepção autônoma do letramento, mas para repensar e apresentar uma proposta educacional que interrompa o processo cíclico de reprodução do *status quo*, que tem sido propiciado pelo modelo autônomo. E compreender o fenômeno do letramento em seus diversos aspectos permite entender, com maior densidade, as questões envolvidas nesse processo que continua ecoando.

Uma das questões polêmicas diz respeito às inúmeras práticas letradas que continuam sendo ofuscadas na sociedade em prol de um mito do letramento. A situação requer maior atenção quando se trata de grupos sociais econômica e politicamente menos favorecidos pelas políticas públicas que regem a sociedade, como é o caso de uma comunidade rural, pois o resgate dessas identidades passa, necessariamente, pela transformação de práticas sociais excludentes tal como as da escola brasileira, principal agência de letramento na sociedade contemporânea.

Necessita-se de mudanças significativas na concepção educacional dominante, e um dos lugares dessa transformação pode ser a desconstrução do modelo de letramento dominante. Reproduzido, sem grandes alterações, na sociedade atual desde os primeiros movimentos de educação em massa, esse modelo autônomo não concebe o letramento enquanto prática social, pois ele não legitima a orientação de letramento que o aluno adquire fora do contexto escolar.

Para que essas modificações cheguem às escolas, é preciso haver o interesse de estudos científicos sobre o assunto, bem como o de profissionais comprometidos com o letramento crítico do aluno, pois a educação não pode continuar emergindo em detrimento do homem, colocando esse homem, não mais como sujeito, mas como objeto de um arremedo de história.

## REFERÊNCIAS

BATISTA, Antonio A. e GALVÃO, A. M. *Leitura: práticas, impressos, letramentos*. Coleção Linguagem & Educação. Belo Horizonte : Autêntica, 1999.

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO. *Retratos da leitura no Brasil*. CD-rom, 2001.

CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. IN: \_\_\_\_\_. **Ciência e Cultura**. São Paulo, (24) : 803-9, set., 1972.

KLEIMAN, A.; MATENCIO, M. L. M. *Letramento e formação do professor*. Porto Alegre : Mercado de Letras, 2005.

KLEIMAN, A.B. Modelos de letramento e a práticas de alfabetização na escola. IN: \_\_\_\_\_. *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas : Mercado de Letras, 2004, p.15-64.

LAJOLO, M. e ZILBERMAN, R. *Formação da leitura no Brasil*. São Paulo : Ática, 1996.

PAIVA, A. et al. (orgs.) *Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces: o jogo do livro*. Belo Horizonte : Autêntica, 2003.

SOARES, M. Letramento e escolarização. IN: MASAGÃO, V. R. *Letramento no Brasil*. São Paulo : 2001, p.104-113.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte : Autêntica (Coleção Linguagem e Educação), 1998.

ZAPPONE, Mirian H. Y. Práticas de leitura na escola. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Estudos da Linguagem, 2001.